

RUBEM BRAGA

A JUNTA

NA antiga sala da Comissão de Orçamento da Câmara assisto, no meio dos jornalistas argentinos, a uma reunião da Junta Consultiva Nacional. Como todos os órgãos consultivos do mundo, este não é muito popular: «esse pessoal fala muito e não decide nada», diz às vezes o homem da rua. Mas falar é importante; falar é respirar. Os argentinos ficaram demasiado tempo calados, ouvindo um monólogo ora patético ora cómico, mas sempre de mau gosto. Era apenas um homem que falava, todos os mais que erguiam a voz eram apenas bonecos nas mãos desse titereiro charlatão e vulgar. Sou sensível a isso. Tive, tivemos todos, no Brasil, a mesma triste experiência.

Aos democratas puros que desde logo reclamam anistia, direitos civis, liberdade de expressão para os peronistas tenho vontade de dizer: «Calma! eles passaram anos vociferando; que se calem agora um pouco; é preciso que fiquem quietos e escutem: têm muito a aprender».

Esses homens que se reúnem em volta de uma mesa não têm todos a mesma opinião. Conheço alguns deles; há dez anos atrás estive aqui, com meu lápis de repórter, e todo dia durante três meses visitava todos os partidos políticos. Esses dez anos de intervalo eles passaram roendo a rêsca dura do ostracismo; seus partidos foram fechados, seus jornais assaltados, suas vidas potas em perigo. Muitos deles conheceram a prisão e o exílio. Eles estão discutindo o estatuto dos partidos políticos, mas não presto muita atenção ao que dizem. O importante é que se contradizem, é que cada um pode dar tranquilamente a sua opinião. E' através dessas divergências que o governo, aqui representado pelo presidente da Junta, o almirante Rojas, pode auscultar o sentir dos cidadãos. Esse governo militar pode ter, e tem, seus erros; mas sua autoridade é límpida não só porque seus homens a conquistaram arriscando a vida como porque eles timbram em mostrar seu desinteresse exemplar. Eles mesmos determinaram solenemente que nenhum poderá ser eleito para nada; esses militares que foram obrigados a invadir a selva da política foram bem cautos em se precaver contra alguma picada da mosca da ambição política. Miguel Angel Zavala Ortiz é um tipo de parlamentar à antiga, da ala mais conservadora do radicalismo; fala devagar, com seus floreios de frase, como qualquer um de nossos velhos bacharéis. A princípio seu discurso me parece monótono e chega a me dar sono. Mas aos poucos vou vendo que ele não fala por falar; tem, no que diz, uma autêntica emoção. Nada menos do que isso: defende a sua casta, a casta dos políticos. Merece ser ouvida, essa voz: ele não se calou dentro do parlamento peronista; foi corajoso e firme quando em volta era tudo um só coro de ameaças. Diz que os políticos são acusados de estar sempre procurando levar água para seu moinho; presume que seja verdade; mas também os políticos muitas vezes têm levado água para o moinho de todos. E eles não podem ser culpados dos grandes males da Argentina: «desde 1930 todos os presidentes tiveram uniforme, ou tiveram um uniforme atrás deles».

O almirante Rojas, que, por sinal, está à paisana, não reclama. Se os homens de armas amaram os políticos para esta Junta foi para ouvi-los, não para fazê-los calar.

Esta reunião é apenas um bate-bola. Mas é um bate-bola indispensável, quase sagrado. Os argentinos estão aqui reaprendendo o jogo livre da democracia.